

Retratos da “multidão faminta”: pobreza, visualidade e semântica das desigualdades

mariainezturazzi@id.uff.br

por Maria Inez Turazzi

Ph.D. in Architecture and Urbanism from the University of São Paulo (USP) (Brasil)

Resumo

A desigualdade pode ser pensada a partir de sua visualidade? A abordagem teórico-metodológica da história dos conceitos e a contribuição oferecida pela historiografia da pobreza e a renovação dos estudos visuais indicam esta possibilidade. Este artigo se debruça sobre a historicidade da noção de desigualdade e as imagens da pobreza, no passado e no presente. Entre as fotografias comentadas, conclui-se que os retratos dos “flagelados da seca” no Brasil, em 1877-1878, representaram uma narrativa visual pioneira das desigualdades estruturais do país.

Palavras chave: Desigualdade – Pobreza – Visualidade – Fotografia – Século 19

Portraits of the "starving crowd": poverty, visibility, and the semantic of inequalities

Abstract

Can inequality be thought based on its visibility? The theoretical and methodological approach of the history of concepts and the contribution offered by the historiography on poverty and the renewal of the visual studies indicate this possibility. This article deals with the historicity of the notion of inequality and the images of poverty, in the past and the present. Among the photographs commented, it is concluded that the portraits of the “scourged by drought” in Brazil, in 1877-1878, represented a pioneering visual narrative of structural inequalities of the country.

Keywords: Inequality – Poverty – Visibility – Photography – 19th Century

Retratos de la “multitud hambrienta”: pobreza, visualidad y semántica de las desigualdades

Resumen

¿Se puede pensar en la desigualdad a partir de su visualidad? El enfoque teórico-metodológico de la historia de los conceptos y el aporte que ofrece la historiografía de la pobreza y la renovación de los estudios visuales indican esta posibilidad. Este artículo se centra en la historicidad de la noción de desigualdad y las imágenes de la pobreza, en el pasado y en el presente. Entre las fotografías comentadas, se concluye que los retratos fotográficos de los “azotados por la sequía” en Brasil, en 1877-1878, representaron una narrativa visual pionera de las desigualdades estructurales del país.

Palabras clave: Desigualdad – Pobreza – Visualidad – Fotografía – Siglo 19

1.Introdução

O pensamento de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) sobre a origem e os fundamentos da desigualdade no mundo foi escrito como peça de discurso (exposição metódica) que deveria ser compreensível ao “gênero humano” de “todas as nações”. A primeira edição de *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes* (1755) encontra-se hoje digitalizada no portal *Gallica* da Biblioteca Nacional da França, assim como outras obras do filósofo em diversos sítios da internet.¹

A questão que levou Rousseau a encontrar respostas alheias à tradição cristã para a história humana é conhecida: “Qual é a origem da desigualdade entre os homens? Ela é permitida pela lei natural?” Para o filósofo, a natureza teria feito os homens iguais entre si e a civilização os teria tornado desiguais. A primeira edição de *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes* e, todas as que vieram depois, parecem ter cumprido a ambição de seu autor. O texto teve ampla circulação para a época e foi imediatamente incorporado a várias bibliotecas europeias sendo, desde então, traduzido e reeditado em conjunto com outras obras do filósofo. No Brasil, a primeira tradução do discurso de Rousseau foi publicada somente dois séculos mais tarde, em 1958.² Desde a Revolução Francesa, as ideias de Rousseau lançaram a percepção da desigualdade na arena política, como condição criada pelo próprio homem com o advento da propriedade privada e da “atração pelo ganho”. Para muitos, essa visão da história era e ainda é bastante incômoda...

Uma análise das reflexões de Rousseau sobre o “homem naturalmente bom” e a desigualdade “que reina entre os povos civilizados”, bem como da circulação dessas ideias e da fortuna crítica sobre seu Discurso, escapam aos objetivos deste

¹ O volume encontra-se disponível à consulta em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1231452.textelimage>. Último acesso em 26.06.2021.

² Jean-Jacques Rousseau. Discurso sobre a origem e o fundamento da desigualdade entre os homens. In: *Obras de Jean-Jacques Rousseau*, v. 1, tradução de Lourdes Santos Machado; revisão de Lourival Gomes Machado; introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide. Porto Alegre: Globo, 1958. 2 v. Apud Thomaz Kawauche. Rousseau no Brasil: levantamento bibliográfico. Última atualização em 2010. Disponível em <http://rousseaustudies.free.fr/> Último acesso em 26.06.2021.

texto.³ O sociólogo Zygmunt Bauman, analisando o nascimento de uma “filosofia da história”, no século XVIII, destacou a emergência de “uma visão do ‘homem’ que, nos duzentos anos seguintes, deveria servir de eixo em torno do qual iriam girar as imagens do mundo” (Bauman, 2012: 13). Interessa-nos aqui ressaltar que no texto emblemático de Rousseau incorpora-se à história do vocábulo na cultura ocidental uma dimensão ética que se expressa pela visualidade das diferenças no imaginário coletivo, inclusive em relação aos pobres e à pobreza. A imagem mental delineada pela observação do filósofo, na conclusão de seu opúsculo, é contundente:

É manifestamente contra a lei da natureza, seja qual for a maneira porque a definamos, uma criança mandar num velho, um imbecil conduzir um sábio, ou um punhado de pessoas regurgitar superfluidades enquanto à **multidão faminta** [grifo meu] falta o necessário (Rousseau, 2000: 116).

A palavra desigualdade tem, desde a sua expressiva difusão através do texto de Rousseau, um campo semântico com grau de abrangência e generalidade bastante elevado, razão pela qual os estudos contemporâneos dedicados à questão costumam adjetivá-la com suas especificidades sociais, econômicas e culturais (renda, gênero, raça, educação etc.). O conhecimento da etimologia das palavras que se converteram em conceitos fundamentais para as ciências sociais e a história da produção intelectual sobre tais conceitos constituem referências metodológicas importantes para a investigação dos sentidos culturais atribuídos à pobreza e, por extensão, à desigualdade. O léxico associado à pobreza e ao pobre (*paupertas* e *pauper*, em latim) nas línguas indo-europeias é revelador das translações de sentido introduzidas em seu campo semântico. O vocabulário latino em torno desse tema, assim como as associações, oposições, sinonímias e metáforas na formação da imagem do pobre na consciência medieval europeia foram aportes metodológicos importantes introduzidos por eruditos como Jacques Leclercq (1891-1971) e,

³ Sobre Rousseau, ver <https://gallica.bnf.fr/essentiels/rousseau> e <https://www.youtube.com/watch?v=81KfDXTTtXE>

principalmente, Michel Mollat du Jourdin (1911-1996), cujas obras serão comentadas mais adiante (Leclercq, 1967; Mollat, 1974; 1978).⁴

Do mesmo modo, a etimologia do vocábulo desigualdade, em diferentes comunidades linguísticas, constitui uma das estratégias necessárias para a compreensão do conceito como construção epistemológica, mas essa lacuna ainda se encontra em aberto. Hoje, entende-se que o alcance da palavra é sempre plural. Polissêmico e multifuncional, o conceito de desigualdade expressa uma variada gama de experiências afetas à existência humana e, simultaneamente, pensamentos distintos sobre o significado dessas experiências. Com presença inequívoca na história intelectual do Ocidente, esse campo de estudos mobiliza, cada vez mais, novas metodologias de análise.⁵ Por isso, acredita-se que a pluralidade, a permanência e a complexidade da produção discursiva sobre a desigualdade serão melhor compreendidas trazendo-se a essa reflexão o lugar da visualidade na história do conceito. Tal perspectiva pode ser concretizada com análises comparativas e recortes espaciais e temporais diferenciados, graças às conexões globais viabilizadas pelos acervos digitais colocados ao alcance de qualquer pesquisador da atualidade.

A intenção de “desnaturalizar” as desigualdades socioeconômicas e as engrenagens que constituem, multiplicam e desconstroem (ou não) a sua existência, levou-nos a observar o enquadramento dado ao tema pelas imagens visuais e o modo como essas imagens são compartilhadas culturalmente, em múltiplas combinações, processos, formatos e dimensões (desenhos, pinturas, gravuras, anúncios, charges, fotografias, grafites, esculturas, instalações, vídeos, filmes, internet etc. e seus híbridos).⁶ Neste artigo, procuramos explorar as possibilidades teórico-metodológicas de incorporação dessa visualidade à história do conceito de desigualdade, considerando os caminhos abertos pela historiografia da pobreza, de

⁴ Este artigo estava sendo escrito quando encontramos a indicação da obra de David J. Armitage, *Theories of poverty in the world of the New Testament* (Heidelberg: Mohr Siebeck, 2016, 317 p.), mas ela não chegou a ser consultada.

⁵ A experiência da desigualdade no capitalismo foi revigorada por Piketty (2015, primeira edição 1997) e, no Brasil, pela tese recentemente publicada de Souza (2018), ganhador do Prêmio Jabuti com uma obra que, entre outros méritos, explicita as diferenças entre pobreza e desigualdade, apontando como a redução da primeira em anos recentes não reduziu significativamente as imensas desigualdades existentes no Brasil.

⁶ Esta linha de pesquisa recebe, desde 2016, o apoio do CNPq / Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

longa tradição intelectual, e as contribuições trazidas nas últimas décadas pelos estudos visuais. Procurou-se, também, articular tal perspectiva a um conjunto de imagens da pobreza e dos pobres e, em especial, aos primeiros retratos fotográficos dos flagelados da seca no Nordeste do Brasil, na segunda metade do século XIX.

2.Desigualdades: dimensões epistemológicas e políticas

A palavra desigualdade chegou ao nosso tempo como um vocábulo de uso corrente e suas implicações sociais como um tema onipresente nos debates da atualidade, tal como ocorria com o “pauperismo” no século XIX.⁷ Isso pode ser explicado, em parte, porque as análises da questão alcançam hoje um público muito mais amplo, mas também porque a visualidade sem precedentes dessa experiência humana, em imagens do passado e do presente, é compartilhada agora, instantaneamente, em escala global. No entanto, para muitos daqueles que vivem em países extremamente desiguais, os usos e os significados da palavra continuam circunscritos, prioritariamente, à ideia de pobreza, ainda que as múltiplas dimensões e conexões da(s) desigualdade(s) demandem, cada vez mais, intervenções diferenciadas.

Este artigo, ao focalizar o conceito de desigualdade, prioritariamente, em sua relação com a pobreza, orienta-se pela abordagem multidimensional e pluridisciplinar introduzida por Amartya Sen, na década de 1980, com a perspectiva de contemplar o problema tanto em seus aspectos objetivos, como subjetivos.⁸ No passado, as

⁷ O termo “pauperismo” foi empregado para caracterizar a pobreza que se tornara massiva (e explosiva) no século XIX devido à industrialização e à concentração de trabalhadores vivendo em condições miseráveis nas grandes cidades (Buret, 1840). O fenômeno transformou-se em objeto de estudo para antigas e novas disciplinas, entre as quais uma nascente “sociologia da pobreza”.

⁸ Amartya Sen refutou a ideia de uma igualdade abstrata e se distanciou de outros economistas ao tratar da distribuição de renda e do bem-estar social, introduzindo nessa discussão o reconhecimento da diversidade entre as pessoas, as escolhas que realizam e as capacidades que mobilizam em distintos contextos socioculturais (Sen, 1980). As interrogações de Sen, prêmio Nobel de economia (1998), no curso *Objectivity and Subjectivity*, ministrado no Departamento de Economia da Universidade de Harvard, em 2019, continuam instigando a problematização do conhecimento e a interdisciplinaridade das respostas: “What genre of items (viewpoints, assertions, etc.) can or should fall under the categories ‘objective’, ‘subjective’, or ‘neither’? What functions do these terms serve? What would we lose or gain if we simply erased them from our thoughts? How have they been used historically and more recently? How is objective knowledge reconcilable with positional variation of observations?” [“Que gênero de itens (pontos de vista, afirmações etc.) pode ou deve ser incluído nas categorias 'objetivo', 'subjetivo' ou 'nenhum dos dois'? Quais são as funções desses termos? O que perderíamos ou ganharíamos se simplesmente os apagássemos de nossos pensamentos? Como eles têm sido usados historicamente e mais recentemente? Como o conhecimento objetivo pode ser conciliado com a variação posicional das observações?"]. Disponível em <https://scholar.harvard.edu/sen/classes/phil-273o-objectivity-and-subjectivity>

ciências econômicas e seus modelos matemáticos produziram uma massa crítica sobre a desigualdade de salário e renda, menosprezando as diversidades culturais e as múltiplas dimensões da vida humana. Esse olhar economicista já não se sustenta no presente. Por outro lado, é difícil explicar por que ambas (desigualdade e pobreza) continuam sendo “relativamente negligenciadas nas outras ciências sociais, já que – além da dimensão ética –, colocam questões teóricas tão centrais em nossas disciplinas” (Reis, 2000: 487). A pesquisa de Elisa Reis sobre a percepção da pobreza e da desigualdade pelas elites brasileiras, na década de 1990, apontou a pertinência de abordagens multi, inter e transdisciplinares para o modo como se vive e se interpreta a desigualdade. Vinte anos depois desse estudo, esta agenda continua aberta a novos objetos de investigação, a julgar pelo relatório da Unesco apresentando um panorama internacional das pesquisas em ciências sociais sobre a desigualdade realizadas nas últimas décadas (Unesco, 2016).

Uma perspectiva para a história dos conceitos foi introduzida pelo historiador alemão Reinhart Koselleck (1923-2006), concretizada com a publicação, entre 1972 e 1997, de um dicionário reunindo cento e vinte e dois conceitos da linguagem político-social na Alemanha.⁹ Esse projeto coletivo alargou os caminhos teórico-metodológicos de uma história intelectual que se beneficiaria, entre outros meios, das fontes linguísticas extraídas da terminologia filosófica, com base na filologia (estudo da língua em toda a sua amplitude e dos escritos que servem para documentá-la), na onomasiologia (estudo das expressões de que dispõe uma língua para traduzir determinada noção) e na semasiologia (estudo do sentido das palavras, das relações entre sinais e símbolos, entre significado e significante), cujos resultados podiam ser comprovados pela exegese textual (Koselleck, 2006:97). O surgimento do conceito de história, considerado por Koselleck como a mais importante inovação conceitual da modernidade, teria provocado uma nova relação entre passado e futuro, assim como a introdução de um novo léxico. Embora o historiador tenha ressaltado que, “naturalmente, não é toda palavra existente em nosso léxico que pode se transformar num conceito”, as pesquisas de Koselleck deixaram evidente que as diferenças e as convergências entre conceitos antigos e atuais sobre o tempo histórico se explicitavam na constituição linguística das experiências temporais, vivenciadas no

⁹ Uma lista dos verbetes e sua tradução para o espanhol pode ser vista em https://es.linkfang.org/wiki/Geschichtliche_Grundbegriffe

passado-presente ou imaginadas como “horizonte de expectativas” em relação ao futuro (Koselleck, 2006: 305-327). Essas conexões podem ser exploradas na história de outros conceitos.¹⁰

Em artigo recente, José D’Assunção Barros aponta “a demanda crescente que se verificou desde o século XVIII, e mais intensamente a partir do século XX, por um aprimoramento na distinção entre os conceitos de desigualdade e diferença” (Barros, 2018: 6). O autor destaca o papel da tecnologia na amplitude dada a uma questão que tem, necessariamente, uma dimensão política. A investigação sobre este tema não apenas preencheria uma lacuna, como ajudaria a combater a violência simbólica gerada pelo “sutil gesto de desconsiderar as diferenças com vistas a impor desigualdades” (Barros, 2018: 16). Em seu artigo, ele apresenta uma contribuição significativa ao esclarecer a historicidade, os deslocamentos e as relações recíprocas entre dois “mundos” que se confundem, atravessados pelo imaginário da igualdade, embora tenham significados inteiramente distintos.

A estratificação social no Brasil Colonial fundou-se no deslocamento imaginário da noção desigualadora [sic] de escravo para uma coordenada de contrários fundada sob a perspectiva da diferença entre homens livres e escravos. Nessa perspectiva, passa-se a considerar que um indivíduo não está escravo, ele é escravo. [...] Não é à toa que, em fins do século XIX, o discurso abolicionista tenha se empenhado em desfazer esse percurso, de modo que pudesse reconduzir a escravidão do plano das diferenças à diagonal contraditória das desigualdades. Para o discurso abolicionista, o escravo não deveria ser visto como alguém que era escravo, mas sim como um ser humano que, sujeito à desigualdade radical, estava escravo. Desfazer uma desigualdade é mais fácil que cancelar uma diferença. (Barros, 2018, p.13)

¹⁰ A história da cultura como um conceito dos mais desafiadores na história intelectual do Ocidente, mas também como estrutura que organiza simbolicamente o mundo e como praxis alcançada por todos os processos sociais, foi o desafio epistemológico levado a cabo por Zygmunt Bauman (1925-2917) em um de seus livros mais conhecidos (Bauman, 2012). Publicada originalmente em 1975, a obra foi reeditada em 1999 com uma nova e elucidativa introdução do autor, na qual menciona os caminhos abertos por Reinhart Koselleck.

Considerando-se, então, a dimensão epistemológica do conceito de desigualdade na história intelectual do Ocidente, ponto de confluência de múltiplas perspectivas, o conhecimento de sua história não pode prescindir de uma investigação acurada sobre o lugar das imagens visuais em tal processo, “como forma e como pensamento” (Alloa, 2015: 9). Os estudos visuais têm uma grande contribuição a oferecer para o reconhecimento da historicidade de todas as formas de desigualdade, associadas ou não à pobreza, desnaturalizando a sua existência, assim como os significados, as atribuições e as apropriações dessa experiência no imaginário coletivo.

3. Historiografia da pobreza, estudos visuais e intermedialidade

Os estudos sobre a história da pobreza ainda são, relativamente, pouco numerosos e aqueles dedicados à sua visualidade, bem mais escassos. Historiadores ingleses, franceses e norte-americanos nos legaram uma consistente historiografia sobre o tema, produzida em grande parte nas décadas que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, sendo até hoje referências importantes em qualquer pesquisa sobre a questão. As obras de Michel Mollat e Gertrude Himmelfarb, publicadas nos anos 1970 e 1980, apresentaram não somente um “encontro com os pobres, [esses] seres pouco conhecidos e ambíguos” (Mollat, 1978: 9), como análises problematizadoras das concepções de pobreza na França medieval e na Inglaterra industrial (Mollat, 1978; Himmelfarb, 1984). O historiador francês observou, por exemplo, a função qualitativa das palavras e seu emprego substantivo no modo como a pessoa pobre logo se tornava “um pobre”. A pobreza que antes designava apenas uma qualidade havia passado a ser a própria condição marcada por essa carência, sempre inferior à condição normal de seu estado:

Ainsi se révèlent des inégalités au sein d'une pauvreté cependant partagée.
Mais la pauvreté est relative entre les hommes et l'on perçoit beaucoup

d'ambiguïté sous l'emploi des mêmes mots. Ont est toujours plus ou moins pauvre qu'un autre (Mollat, 1974: 10).¹¹

A primeira edição do livro de Himmelfarb sobre a “ideia” que teria forjado uma verdadeira “cultura da pobreza” na Era Vitoriana, por sua vez, contém diversas imagens extraídas de periódicos ilustrados e edições literárias da época (como as obras de Charles Dickens), fontes sobre as quais a historiadora norte-americana trabalhou, apontando uma perspectiva profícua para o estudo do tema, no contexto europeu e fora dele. Essas imagens, as cartas e outros escritos do escritor, entre os quais alguns clássicos da literatura mundial como *Oliver Twist* (1837), *The Battle of Life* (1846) e *Hard Times* (1854), estão hoje ainda mais acessíveis, renovando o apelo da literatura de ficção sobre o tema da pobreza no Oitocentos.¹²

No Brasil, Maria Stella Bresciani foi uma das pioneiras na difusão dos estudos sobre a história da pobreza com uma abordagem orientada pela transdisciplinaridade e a intertextualidade.¹³ O livro *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza* (1982), em edição de bolso, ilustrada e acessível, integrava a célebre coleção intitulada *Tudo é história*, da editora Brasiliense. Nos anos seguintes ao seu lançamento, o volume esteve presente na bibliografia de praticamente toda a produção acadêmica brasileira sobre questões afins. Por outro lado, com a chamada “virada cultural”, nos anos noventa, os estudos visuais começaram a despontar e, simultaneamente, a historiografia de diversas temáticas foi se enriquecendo com uma atenção maior para as fontes iconográficas e a viabilidade para reproduzi-las, mesmo em impressos acadêmicos de orçamento mais modesto. A visualidade da pobreza e dos pobres, contudo, não ingressou na agenda de pesquisa dos novos estudos de

¹¹ “Desse modo revelam-se as desigualdades no seio de uma pobreza que, não obstante, é partilhada. Mas a pobreza é relativa entre os homens e percebe-se uma grande dose de ambiguidade no emprego das mesmas palavras. Somos sempre mais ou menos pobres que outros”. Tradução da edição brasileira (Mollat, 1978: 2)

¹² Sobre Charles Dickens, entre muitos outros endereços virtuais, ver o museu dedicado ao escritor em <https://dickensmuseum.com/>

¹³ Em 1946, Josué de Castro publicou *A Geografia da fome*, obra que analisou as origens socioeconômicas de um dos traços emblemáticos da extrema pobreza no Brasil, combatendo as explicações deterministas que naturalizavam a fome como uma “doença” característica do homem do Nordeste, além de desmascarar as teorias raciais e climáticas que justificavam a sua existência. (Castro, 2001)

cultura visual como ocorreria, por exemplo, com a mulher, a moda, a infância, entre outros temas.

O olhar sobre a desigualdade é um processo de estranhamento e naturalização do mundo bastante complexo, seja porque os nossos “modos de ver” são uma construção social e histórica¹⁴, seja porque também exprimem os nossos “modos de ser”. Carlo Ginzburg, trazendo para a análise as noções de perspectiva, representação, imagem e mito no livro *Olhos de madeira*, discutiu a proximidade e o afastamento que, a seu modo, produzem visões mais (ou menos) distorcidas do mundo ao redor. O historiador italiano abre sua reflexão apontando o sentido de familiarização e ‘des-familiarização’ inerentes ao olhar, pois diante de representações experimentamos sensações de proximidade e estranhamento que, em última instância, seriam uma espécie de antídoto contra o risco de banalizarmos a realidade e a nós mesmos (Ginzburg, 2001: 41).

A concepção defendida por W.J.T. Mitchell, para quem os estudos visuais se valem de suas fontes e, necessariamente, de outras disciplinas (filosofia, história da arte, semiótica, antropologia, sociologia etc.) para construir seus próprios objetos de investigação, sublinha a natureza intrinsecamente pluri, inter e transdisciplinar desse campo de estudos, bem como a especificidade de seus métodos de trabalho com as imagens (Mitchell, 2003: 39-40). Além de ser um dos principais teóricos dos estudos visuais, Mitchell dedicou uma de suas obras, em conjunto com outros autores, à revisão do conceito de paisagem. Ele é sinônimo de uma concepção tradicionalmente atravessada por sua dualidade, seja como lugar natural que se oferece à vista do observador ou como a representação plástica desse lugar. A proposta de Mitchell seria pensarmos a paisagem não no que ela “é” ou no que ela “significa”, não como um objeto a ser visto ou um texto a ser lido, mas o que a paisagem “faz” como prática social, na qual subjetividades e identidades são construídas por relações de poder:

Landscape as a cultural medium thus has a double role with respect to something like ideology; it naturalizes a cultural and social construction,

¹⁴ John Berger problematizou de forma pioneira a construção social da visão e a naturalização dos modos de ver, focalizando a imagem do homem e da mulher, as formas de propriedade e outros temas da arte e da cultura no mundo ocidental que se conectam às múltiplas formas de desigualdade (Berger, 1972).

representing an artificial world as if it were simply given and inevitable, and it also makes that representation operational by interpellating its beholder in some more or less determinate relation to its givenness as sight and site. (Michell, 2002:2)¹⁵

O historiador que se debruça sobre a pobreza e sua visualidade também precisa considerar, além do que é e do que significa essa construção como fenômeno cultural, o que ele representa nas relações de poder. Identificando as estruturas discursivas, as controvérsias intelectuais e os usos socialmente definidos das narrativas textuais e visuais sobre o tema, chega-se mais claramente à compreensão das experiências cognitivas e dos modos de subjetivação da desigualdade em sua genealogia histórica, incluindo os seus desdobramentos no presente.¹⁶ Essa abordagem tem como pressuposto uma concepção antropológica das imagens visuais, tal como apontado por Hans Belting quando reflete sobre como o homem compreende e se apropria do mundo *em* imagens e *através* das imagens:

Les figures symboliques de notre imaginaire que nous voyons passer par ce nouveau médium technique sont chargées d'une très longue histoire. A la limite, la question serait de savoir quelles voies ces images empruntent en migrant vers la photographie. De ce point de vue, la photographie, comme médium visuel moderne par excellence, fait office de nouveau miroir où se profilent les images du monde. La perception humaine n'a jamais cessé de s'adapter aux nouvelles techniques visuelles, mais en même temps et conformément à sa nature, elle transcende ces déterminations médiales. Par essence, les images sont elles-mêmes 'intermédiées'. Elles transitent entre

¹⁵ “A paisagem como meio cultural tem, portanto, um duplo papel em relação a algo como a ideologia; ela naturaliza uma construção cultural e social, representando um mundo artificial como se ele fosse simplesmente dado e inevitável, e ela também torna essa representação operacional ao interpelar seu observador em alguma relação mais ou menos determinada para com a sua existência como vista e como lugar” (Michell, 2002:2).

¹⁶ O método genealógico de Foucault, disperso em vários de seus textos na análise de nossas relações com a verdade, o poder e a moral, foi desenvolvido pelo autor com a premissa de que os objetos do conhecimento e os modos de subjetivação são indissociáveis. Sobre a formação dos conceitos, ver esp. Foucault, 1987, p.63-68.

les médiums historiques qui ont été inventés à leur usage (Belting, 2004 : 273).¹⁷

A percepção das desigualdades, manifestando-se na semântica dos vocábulos e nas mutações da própria ideia de igualdade, pode ser observada na intermedialidade das imagens da pobreza e dos pobres e sua incorporação ao imaginário social. A polissemia da noção de desigualdade e a historicidade do conceito no pensamento ocidental são devedoras de práticas e representações que fizeram chegar aos nossos dias um grande legado sobre o tema, destacando-se nesta perspectiva as imagens que explicitam as condições de extrema escassez e as diferenças socioeconômicas entre indivíduos e coletividades. Esse patrimônio visual remonta à Antiguidade, fixado em relevos e esculturas, pinturas murais e manuscritos, entre outras figurações e suportes (Haskell, 1993: 11-25; Manguel, 2001: 21).

A era cristã transformou a pobreza em “sofrimento edificante” e, simultaneamente, na “antessala do paraíso”, como definiu Laurent Bihl ao traçar um panorama geral da questão.¹⁸ A decoração de igrejas, livros de oração e cerimônias religiosas, com o Cristo na cruz e peregrinos miseráveis vagando pelas estradas, indigentes acedendo aos céus e mendicantes com a mão estendida, entre outras representações da Cristandade, fizeram da pobreza um sofrimento que conduz à virtude (Bihl, 2000: 783-785). Religião dos humildes em sua origem, o Cristianismo promoveu o florescimento de uma visualidade que se expandiria da Europa para o Oriente, assim como para o Novo Mundo. Essa cultura visual estabeleceu, de forma

¹⁷ “As figuras simbólicas do nosso imaginário que vemos passando por este novo meio técnico estão carregadas de uma história muito longa. No limite, a questão seria saber que caminho essas imagens tomam ao migrar para a fotografia. Deste ponto de vista, a fotografia, como um meio visual moderno por excelência, funciona como um novo espelho no qual as imagens do mundo são perfiladas. A percepção humana nunca deixou de se adaptar a novas técnicas visuais, mas ao mesmo tempo e em acordo com a sua natureza, ela transcende às determinações dos meios. Em essência, as imagens são elas próprias 'intermediais'. Elas transitam entre os meios históricos que foram inventados para seu uso” (Belting, 2004: 273).

¹⁸ O historiador francês é um dos poucos pesquisadores da atualidade que se ocupa da visualidade da pobreza e escreveu o verbete sobre o tema no *Dictionnaire mondial des images*. (Bihl, 2000: 783-785)

duradoura e multifacetada, conexões globais na conformação da ideia de desigualdade associada à penúria e à escassez.¹⁹

O Renascimento e a invenção da imprensa multiplicariam as representações da pobreza, difundindo de forma ainda mais a sua presença no imaginário coletivo. Em princípios do século XVI, os chamados “livros de emblemas” combinam texto e imagem em uma mesma página com o objetivo de transmitir ensinamentos morais, entre os quais aqueles relacionados à pobreza e à virtude.²⁰ As figurações do tema passariam a compor, a partir de então, muitos outros impressos ilustrados e a leitura das palavras se faz acompanhar pelo aprendizado da leitura das imagens. A clivagem provocada pela reforma protestante nas respostas experimentadas pela pintura constitui um outro capítulo dessa visualidade. O espetáculo da pobreza afigura-se, agora, como condição suportável, distanciada do sofrimento, em pinturas que apelam para o realismo e a nostalgia. O artista, então, convida o espectador a compartilhar com ele a sua fantasia, como faria Bartolomé Esteban Murillo (1617-1682) ao retratar os meninos miseráveis de Sevilha no Setecentos (Bihl, 2000: 783-785).

O pintor, já reconhecido por cenas da vida religiosa, inspira-se no cotidiano da cidade onde ele próprio tivera uma infância pobre (mais tarde, ele perdeu ali quatro de seus nove filhos para a peste). Em “O jovem mendigo” (*Imagem 1*)²¹ e em “Meninos comendo uvas e melão” (*Imagem 2*)²², as crianças são retratadas com coloração terrosa e iluminação suave, em contrastes delicados que ressaltam a expressão ingênua e a ternura dos seus gestos. A melancolia do menino que cata as pulgas se contrapõe à evidente capacidade daqueles que desfrutam o lado doce da vida,

¹⁹ A pesquisadora Julia McClure, especialista na história da Ordem Franciscana enfatiza, justamente, a necessária perspectiva global na abordagem da pobreza (McClure, 2019). Agradeço à autora por ter disponibilizado o acesso ao seu texto.

²⁰ O livro de Andrea Alciato, *Emblematum liber* (ou *Emblemata*), 1531 é considerado o primeiro livro de emblemas. A obra encontra-se no Glasgow University Emblem Website, disponível em <http://www.emblems.arts.gla.ac.uk/> Agradeço à Silvia Patuzzi, professora do Instituto de História da UFF por disponibilizar as informações de sua pesquisa sobre o tema, ainda inédita.

²¹ Bartolomé Esteban Murillo, “O Pequeno Mendigo” (“Joven mendigo” ou “Niño espulgándose”), 1645, óleo sobre tela, 134 x 100 cm, Musée du Louvre, Paris, França. Disponível em <https://www.pop.culture.gouv.fr/notice/joconde/000PE022897>. Outras obras do artista podem ser vistas no portal <https://www.pop.culture.gouv.fr/>

²² Bartolomé Esteban Murillo, “Meninos comendo uvas e melão” (“Niños comiendo uvas y melón”), 1645-46, óleo sobre tela, 146 x 104 cm, Alte Pinakothek, Munique, Alemanha. Disponível em <https://www.sammlung.pinakothek.de/en/artwork/y7GEQgvGPV>

mesmo vivendo em condições tão adversas. Os meninos pobres de Murillo, a despeito do realismo nas pinceladas do pintor, são figuras idealizadas que não causam piedade ou repulsa, traços recorrentes na imagética da pobreza. Antes, são retratos que convidam o espectador à empatia e ao acolhimento.

A pintura inglesa, por sua vez, ocupa-se de paisagens e cenas de costumes da vida rural no século XVIII e princípios do XIX, nas quais figuras humildes e laboriosas conferem uma visão romântica dos pobres e, por extensão, da própria Inglaterra em plena Revolução Industrial (Barrel, 1980). Enquanto essas representações positivadas da pobreza vão suavizando os contrastes sociais e ocupando as paredes aristocráticas, o medo da reação dos pobres à expulsão dos campos e às condições indignas às quais são submetidos nas cidades já se propaga por outros meios, na imprensa e na literatura. As novas técnicas de composição tipográfica e a impressão conjunta de texto e imagens com placas matrizes (clichês), introduzidas no final do século XVIII, revolucionam a cultura visual e, com ela, a imagética da pobreza. O que antes era impresso, basicamente, em livros de emblemas e gravuras de interpretação ou de reprodução, passou a ter ampla circulação no decorrer do século XIX, em álbuns de costumes, periódicos ilustrados e obras de literatura para o público adulto e juvenil. Essa crescente visualidade da pobreza, graças à difusão das imagens múltiplas, coincide com o aparecimento da fotografia e seu impactante realismo.

4. Retratos fotográficos e os “verdadeiros tipos de pobres”

A invenção da imagem fotoquímica, filiando-se a perspectivas anteriores e, simultaneamente, explorando novas possibilidades plásticas (exatidão, tridimensionalidade, instantaneidade, velocidade etc.) logo proclama a sua singularidade, entre outras razões, por oferecer ao mundo uma “arte sem arte”, “desenhada pela própria natureza”, sem a subjetividade do artista ou qualquer pré-requisito (Brunet, 2000: 21-38). Essa operação discursiva, obscurecendo as escolhas, os enquadramentos e as conformações inerentes à prática fotográfica, percorreu o mundo antes mesmo que a própria fotografia estivesse “ao alcance de todos”

(Turazzi, 2019). Ela esteve presente na literatura fotográfica desde o seu nascimento e impregnou o senso comum por mais de um século:

Comme pour toutes les technologies (...), l'image qu'on faisait de la photographie correspondait à des programmes sociaux et politiques bien précis. Loin d'être politiquement neutre, elle faisait partie intégrante d'une idéologie, d'un système de pensée qui préconisait un ordre social particulier. (McCauley, 1997: 8-9)²³

Em meados do século XIX, quando a diminuição dos tempos de pose tornou viável a obtenção de retratos por meios fotográficos e, com eles, a multiplicação da figura humana nos impressos em geral, a imagem dos pobres capturada pela câmera logo chega aos jornais, advogando para si, além do aspecto “pitoresco” desses tipos sociais, uma observação “objetiva” e “fidedigna” da pobreza como realidade social e experiência humana. Os impressos com o uso dessas fotografias, fonte essencial para o estudo das formas de enfrentamento do problema na época, também elucidam as redes de criação, difusão e legitimação das escolhas e experimentos das primeiras gerações de fotógrafos. Além disso, eles abrangem um horizonte temporal e espacial bem mais extenso do que as próprias fotografias que reproduzem, devido à maior circulação de livros e periódicos em várias partes do globo e sua presença em bibliotecas públicas e particulares.

Na Inglaterra vitoriana, a imagem do pobre se espelha na figura do trabalhador miserável concentrado nas grandes cidades. Um dos primeiros estudos de caráter sociológico sobre o tema com o uso de fotografias foi concebido pelo inglês Henry Mayhew (1812-1887). Realizado ao longo da década de 1840 e divulgado em forma de reportagem no jornal *The Morning Chronicle*, o empreendimento resultou no livro *London Labor and the London Poor*, lançado em 1851, que seria ampliado e reeditado, em quatro volumes, na década seguinte (Mayhew, 1861-1862) A célebre publicação contém entrevistas textuais que preservam cuidadosamente a gramática

²³ “Como em todas as tecnologias [...], a imagem que se fazia da fotografia correspondia a programas sociais e políticos bem específicos. Longe de ser politicamente neutra, ela era parte integrante de uma ideologia, de um sistema de pensamento que defendia uma determinada ordem social”. (McCauley, 1997, pp. 8-9)

e a pronúncia de cada personagem, além de apresentar um conjunto de ilustrações obtidas a partir de daguerreótipos. Richard Beard (1801-1885), o primeiro fotógrafo a adquirir na Inglaterra os direitos de utilização da daguerreotipia, com a qual conquistou vasta clientela, foi o responsável pela produção dessa inédita documentação fotográfica das “classes laboriosas” nas ruas de Londres (operários, artesãos e vendedores, como também mendigos e pedintes, entre outros tipos populares). O reconhecimento da fidelidade, abrangência e utilidade de *London Labour and the London Poor* concedeu à obra um lugar de destaque na proposição de reformas sociais por cristãos, conservadores, liberais e socialistas.

Pouco tempo depois, o escocês John Thomson (1837-1921), inaugurando o que viria a ser um projeto fotográfico pioneiro de fotojornalismo, juntou-se ao socialista Adolphe Smith (1846-1924) com o objetivo de documentar a pobreza nas ruas de Londres (Gernsheim e Gernsheim, 1955, p. 340; Parr e Badger, 2004, p. 48). O material foi publicado mensalmente, em fascículos, com o título *Street Life in London*, entre 1876 e 1877. Reunido em um único volume, o livro apresentava na folha de rosto a advertência de que as “ilustrações fotográficas permanentes [tinham sido] tiradas do natural expressamente para esta publicação” (Thomson e Smith, 1877, v.1). Na visão de Thomson, “a precisão e a acuidade da fotografia nos possibilita apresentar os verdadeiros tipos de pobres [existentes] em Londres e nos protege da acusação de subestimar ou exagerar as peculiaridades individuais da aparência” (The Bridgeman Art Library, [1999], p. 132).²⁴

O tema de *Street Life in London*, como se constata, não era novo, mas o interesse pelos pobres na maior cidade industrial da Europa tinha crescido na mesma proporção da pobreza em toda a Europa ao longo do século XIX. As imagens de Thomson conferiam um realismo sem precedentes ao texto jornalístico. Os artigos publicados eram curtos, mas cheios de detalhes, com base nas entrevistas obtidas com homens e mulheres que viviam uma existência precária e marginal trabalhando nas ruas, como vendedores de flores, sapatos ou canivetes, limpadores de chaminés, músicos, lixeiros e serralheiros. Considerada uma obra emblemática na história do

²⁴ “The precision and accuracy of photography enables us to present true types of London’s poor and shield us from the accusation of either underrating or exaggerating individual peculiarities of appearance.”

fotojornalismo, o livro é também um dos mais belos exemplos de utilização editorial da fogliptia (ou woodburytipia), processo de impressão de imagens por reprodução fotomecânica inventado nessa época.²⁵

Do outro lado do Atlântico, também na década de 1870, imagens da pobreza extrema no Nordeste do Brasil escravista concedem ao líder abolicionista José do Patrocínio (1853-1905) uma arma tão poderosa quanto seus textos para condenar a inação dos poderes constituídos no enfrentamento das desigualdades. O jornalista e escritor, filho de uma jovem escravizada com o vigário a quem pertencia, atravessou o abandono e a pobreza na infância antes de conseguir uma oportunidade de trabalho na Santa Casa de Misericórdia e concluir o curso de Farmácia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Já cronista da *Gazeta de Notícias*, onde ingressou em 1877, ele via a si mesmo como um “folhetinista que se ocupava da função de repórter porque era pobre e pertencia ao proletariado do jornalismo” (Machado, 2014: 77). Na década de 1880, chegou a editor e proprietário dos jornais *Gazeta da Tarde* e *Cidade do Rio*, mas terminou seus dias vivendo modestamente e um tanto esquecido.

Na atividade jornalística, Patrocínio empregou como cognome uma referência emblemática no movimento internacional em prol das reformas sociais. Como “Proudhomme”, ele assinou boa parte dos artigos contundentes que deram popularidade e reconhecimento ao líder abolicionista:

O folhetinista não tem vexame da consanguinidade com os escravos; pelo contrário, faz desse fato a inspiração santa do seu ardor pela causa da abolição. Apela desassombradamente para as suas faces, onde mais do que a cor da sua raça, vê-se a escuridão do destino dela. Tem mesmo orgulho quando pode encarar de frente um senhor de escravos. É o orgulho do descendente do roubado diante do ladrão: é o orgulho do homem do trabalho diante do que vive a chupar o sangue dos seus irmãos” (*Gazeta de Notícias*, 19 de julho de 1880). (*Imagem 3*)²⁶

²⁵ A publicação está disponível em <https://digital.library.lse.ac.uk/collections/streetlifeinlondon> e o processo de impressão de suas fotografias (“woodburytype), no vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=cOqsaCu-yw>

²⁶ Proudhomme [José do Patrocínio]. “Semana Política”, *Gazeta de Notícias*, 19 de julho de 1880, n. 199, p.1. Disponível em http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1880_B00199.pdf

Em 1878, Patrocínio viajou até o Nordeste para escrever sobre a prolongada estiagem na região e a fuga dos camponeses para as cidades, tema que mobilizava as atenções da capital, pressionando o poder monárquico a agir em favor daquelas províncias e seus interesses no quadro nacional. A perspectiva de sensibilizar as “mentes cultas” do Rio de Janeiro para o desamparo, a fome e a desagregação familiar dos que sofriam em regiões longínquas do país atingidas pela seca, inspirou Patrocínio a realizar uma iniciativa pioneira no jornalismo brasileiro, combinando a linguagem textual eloquente com o impacto provocado pelo realismo dos retratos fotográficos. Entre 1878 e 1879, ele escreveu sobre a experiência da viagem em diversos artigos na *Gazeta de Notícias* e, nesse último ano, publicou também o romance *Os retirantes* (Neves, 2007). As imagens fortes descritas pela pena do jornalista impactaram os leitores da época:

Criancinhas nuas ou seminuas, com os rostos escaveirados, cabelos emaranhados sobre crâneos enegrecidos pelo pó das longas jornadas, com as omoplatas e vértebras cobertas apenas por pele ressequida, ventres desmesurados, pés inchados, cujos dedos e calcanhares foram disformados por parasitas animais, vagam sozinhas ou em grupos tossindo, a sua anemia e invocando com voz fraquíssima o nome de Deus em socorro da orfandade. Após as carroças que rodam pesadamente com a carga de sacos de farinha, seguem essas desventuradas ajuntando o restolho que fica nas calçadas. (Patrocínio, 1878: 1)

Como outros, Patrocínio enxergou o problema pela ótica cientificista e moralizante de seu tempo, mas ao trazer na bagagem uma inédita documentação fotográfica de seres bestializados pelo imaginário da fome, ele também voltou seus olhos e sua memória para todo o sofrimento impregnado nessas imagens. A degradação humana que o jornalista observou na província do Ceará parece ter elevado a indignação do abolicionista, como se essa violência física e moral fosse ainda mais aviltante do que o cotidiano vivenciado na capital do Império escravista. Duas fotografias desse conjunto, depois de transpostas para a pedra litográfica pelo

artista português Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905), foram impressas na primeira página do jornal *O Besouro*, de 20 de julho de 1878. Tendo por título a frase “Páginas tristes – cenas e aspectos do Ceará (para Sua Majestade, o Senhor Governo e os Senhores Fornecedores verem)”, a ilustração faz uma composição híbrida entre a representação fidedigna das fotografias e a imaginação crítica do artista, que acrescentou às duas figuras miseráveis a mão de um esqueleto humano, trajando camisa social com abotoadura e paletó, para oferecer aos olhos de todos o evidente contraste social no país. Embaixo da estampa, a frase: “cópias fidelíssimas das fotografias que nos foram remetidas pelo nosso amigo e colega José do Patrocínio” (Imagem 3).²⁷ O conjunto, reunindo quatorze retratos no formato carte-de-visite realizados por J. A. Corrêa, fotógrafo da região cujas atividades são pouco conhecidas, encontra-se hoje digitalizado e acessível.²⁸

As fotografias apresentam figuras isoladas ou em dupla, com a imagem de crianças mestiças (três retratos parecem ser da mesma criança, em posições distintas), um homem adulto também mestiço (junto ao filho), três figuras femininas (que parecem ser a mesma mulher, negra ou mestiça) e um jovem branco (Imagens 4 a 17).²⁹ Todos estão com os pés descalços e, em alguns, uns poucos trapos protegendo a nudez completa. A maior parte está de pé, posicionada de frente, costas ou lado diante da câmera, mas alguns só se sustentam com a ajuda de um suporte para o corpo. Exigência da fome e não dos tempos de pose da fotografia. Outros estão simplesmente jogados ao chão. A extrema magreza, indicando aguda desnutrição, contrasta com a barriga inchada, fruto da verminose ou da gravidez precoce, como na Imagem 16, é acompanhada pela inscrição: “Deixei, por amor à vida, me roubarem o pudor. E hoje, mulher perdida, morro de fome e de horror!”.³⁰ Todas as fotografias contêm inscrições textuais, com versos de conteúdo dramático,

²⁷ Disponível em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/obesouro/obesouro.htm>

²⁸ Os retratos dos flagelados da seca ganharam destaque no projeto da “Brasileira Fotográfica”, do portal da Biblioteca Nacional do Brasil, e podem ser encontrados pelo nome do fotógrafo em <http://brasilianafotografica.bn.br/brasileira/browse?value=Corr%C3%AAa%2C+J.+A.&type=author>

²⁹ Andrade e Logatto também explicam que o retrato um homem de barriga protuberante (Imagem 15) deve-se à ingestão do mucunã, “planta não-comestível ingerida pelos habitantes da região, que os vitimava”, acima do retratado aparece uma explicação indicando “fava do mato” (Andrade e Logatto, 1994: 79).

³⁰ J. A. Correa, “Seca de 1877-78, Ceará”. Acervo Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Brasil.

<http://brasilianafotografica.bn.br/brasileira/browse?value=Corr%C3%AAa%2C+J.+A.&type=author>

em tom moralizante, tendo alguns autores visto semelhança com o estilo poético de José do Patrocínio (Andrade e Logatto, 1994: 79)

A pose, como postura estudada que indica a fabricação de um corpo em outro, já estava consagrada pela invenção registro fotomecânico e a popularidade dos retratos carte-de-visite, mas ela adquire nesse conjunto de imagens uma conotação muito distinta. Embora também instrua a composição de um tipo (o “flagelado”), ela não constrói aqui qualquer autoimagem edificante para esses indivíduos. A pose nesses retratos pertence a uma fotografia pública que, com esse gênero de imagem, reforça relações de poder afirmando toda sorte de peculiaridades depreciativas na visão das diferenças e das desigualdades entre os seres humanos.³¹ Esses primeiros retratos fotográficos dos “flagelados da seca” formaram uma imagem do homem nordestino que também pode ser vista nos relatórios oficiais, em textos jornalísticos e literários, entre outras formas de expressão, como mais tarde o cinema e a televisão. Ela impregnou o imaginário nacional com a ideia de que a pobreza extrema, tal como as longas estiagens, eram flagelos impostos pela natureza adversa e a fraqueza humana que nem mesmo a proteção divina conseguia socorrer. Essa visão recorrente e duradoura, ao naturalizar tamanha desigualdade, parece comprovar a tese de Philippe Sassier, para quem os usos sociais da pobreza refletem não necessariamente a condição real dos pobres, mas o que cada sociedade vê como o seu “infortúnio”. (Sassier, 1990)

5.Continuidades, rupturas e engajamentos

A experiência da alteridade diante das *diferenças* e das *desigualdades* entre os seres humanos sempre provocou reações, indagações, gestos, nomeações e reflexões expressas na imensa visualidade relacionada ao tema. Georg Simmel (1858-1918), filósofo e sociólogo alemão que dedicou parte substancial de suas reflexões aos pobres e aos estrangeiros, argumentou que a alteridade “não envolve simplesmente passividade e afastamento; [ela] é uma estrutura particular composta de distância e

³¹ A fotografia pública, noção que tem sido explorada por Ana Maria Mauad, associando-se à noção de documento, “fornece visibilidade à experiência social de sujeitos históricos – por detrás e diante da câmera, destacando-se tanto como fonte quanto objeto de estudo da história visual do poder e das culturas políticas”. (Mauad, 2013, em linha)

proximidade, indiferença e envolvimento” (Simmel, 1983: 184). Essas duas noções, presentes em outros domínios do pensamento³², têm implicações muito distintas na atualidade.

O compartilhamento desigual das criações humanas, tanto quanto dos recursos naturais do planeta, costuma ser um indicador consensual de que a pobreza tem raízes históricas na diferença de acesso a esses bens. Por outro lado, a afirmação da heterogeneidade dos indivíduos, de suas escolhas e dos contextos sociais e ambientais em que vivem aproxima a desigualdade de uma abordagem filosófica da existência humana. Essa percepção vem se mostrando cada vez mais combativa nas plataformas políticas contemporâneas que denunciam, justamente, as formas de desigualdade entre indivíduos e coletividades em função de suas diferenças e, na mesma medida, advogam a equidade de acesso e a liberdade de escolhas em respeito às suas diferenças.

Os recursos digitais, além de promover uma transformação radical na cultura contemporânea, apontam uma renovação na historiografia da pobreza e temas afins, graças à facilidade de acesso e reprodução de fontes textuais e visuais e aos estudos comparativos que podem abranger os quatro cantos do planeta. Essas fontes representam hoje uma ferramenta metodológica essencial para a investigação da pobreza na longa duração, em perspectiva global.³³ O estudo do conceito de desigualdade, por sua vez, também se enriquece com as perspectivas abertas por tais acervos para a compreensão da visualidade dessa ideia, em tempos e espaços diversos. Essas plataformas de observação nos permitem enxergar com maior amplitude a natureza documental, estética e simbólica das palavras e das imagens, suas permanências e rupturas, adaptações e hibridismos.³⁴

³² No pensamento matemático, a noção de *diferença* implica uma relação de superioridade ou inferioridade entre duas magnitudes mensuráveis e, nesta moldura, ela exemplifica uma *desigualdade* que pode ser objetivada, pois entre duas medidas diferentes, uma será sempre maior ou menor do que a outra. A questão chamou a minha atenção pela leitura do verbete sobre desigualdade na Wikipedia em língua francesa. Disponível em <https://fr.wikipedia.org/wiki/inégalité>

³³ Um dos recortes de pesquisa sobre a visualidade do conceito de desigualdade aponta, justamente, o quanto a chamada “desigualdade digital” tem sido também cada vez mais debatida.

³⁴ Quando este artigo começou a ser escrito, um documentário postado em 21 de janeiro de 2021, com uma montagem de filmes raríssimos, colorizados e texturizados, oferecia aos internautas uma visão das desigualdades na era Vitoriana. Dez meses depois, “The lives of rich and poor Victorian children” já havia atingido cerca de 160 mil visualizações no Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=OwglIvFj4E>

Os dicionários digitais, por exemplo, abrem várias trilhas para o pesquisador da história dos conceitos, como aliás de tantos outros temas.³⁵ Os sentidos atribuídos à palavra *poor*, como substantivo ou como adjetivo, em cento e trinta e três registros presentes em manuscritos da língua inglesa desde o século XII, compilados por dezenas de dicionários etimológicos impressos, podem ser alcançados, agora, com um simples clic no *Online Etymology Dictionary*.³⁶ A fotografia, o cinema e a imprensa, por sua vez, além de nos legaram um imenso acervo visual sobre a pobreza, hoje amplamente digitalizado e acessível, trazem agora outras abordagens. As tecnologias digitais introduzidas no limiar do século XXI incorporaram novos atores e perspectivas ao enfrentamento das desigualdades locais e globais. Nesse sentido, uma das transformações a serem observadas pela história do conceito neste novo cenário tecnológico pode ser resumida pela questão: quais as continuidades e as rupturas na visualidade da pobreza quando também os pobres passam a capturar e dar a ver, através das mídias digitais, acessíveis e democráticas, incontornáveis e traiçoeiras, as múltiplas formas de desigualdade e exclusão no mundo contemporâneo?

Como prometido desde o anúncio da invenção da daguerreotipia, em 1839, os meios de criação e difusão digitais fizeram da pós-fotografia uma prática social verdadeiramente “ao alcance de todos”, marcada por toda sorte de pós-produção e compartilhamento. Crianças retratadas nas ruelas, subúrbios, cortiços e favelas de todo o mundo, por mais de um século, chegaram ao século XXI como artistas, fotógrafos e simples adeptos do mundo das imagens, dispostos a enquadrar seu entorno em composições desafiadoras para a ordem social, a epistemologia da desigualdade e a cultura visual. Depois que a abundante visualidade da pobreza, no passado e no presente, em escala individual e coletiva, a nível local ou global, passou a ocupar o espaço infinito da internet, os modos de ver a desigualdade também passaram a refletir novos modos de ser. A ambição desses jovens tem sido subverter

³⁵ Ver, sobre o assunto, <https://fr.wikipedia.org/wiki/Inégalité/> ; <https://en.wikipedia.org/wiki/Inequality>; [https://pt.wikipedia.org/wiki/Desigualdade social](https://pt.wikipedia.org/wiki/Desigualdade_social) Último acesso em 26.06.2021

³⁶ A Wikipedia em língua francesa, por exemplo, bastante prolixa nos múltiplos usos e significados da palavra desigualdade, relaciona duas dezenas de acepções encontradas na matemática e nas ciências sociais. O verbete *inégalité sociale*, no portal *Sociologie*, ensaia um breve comentário sobre a história desse conceito e não deixa de ser interessante comparar a construção do verbete nas diversas comunidades linguísticas de internautas que compõem a enciclopédia colaborativa. Disponível em <https://www.etymonline.com/> Último acesso em 26.06.2021

os padrões estabelecidos por uma atividade que não concebe mais o ato fotográfico como um “momento decisivo”, encerrado em determinado espaço-tempo pelo valor testemunhal de um único olhar.³⁷

O debate sobre a dimensão coletiva, ética e política da (pós)fotografia tem sido cada vez mais estimulado por artistas visuais, curadores e estudiosos como a israelense Ariella Azoulay, profundamente engajada na causa palestina. A pesquisadora rejeita a separação entre estética e política, indicando a especificidade da imagem fotográfica como o “encontro de muitos protagonistas”, isto é, fotógrafos e fotografados, câmera e espectadores, todos corresponsáveis por relações de poder que se sustentam e se renovam em diferentes contextos e perspectivas. Condenando o imperialismo e a naturalização da violência, Azoulay ressalta o comprometimento da fotografia nas lutas sociais pelos direitos civis e no agenciamento de resistências coletivas em processos de decolonização (Azoulay, 2008; 2010).³⁸

Em nosso tempo, as imagens digitais e as mídias sociais têm abordado a pobreza e seus territórios como um espaço de experimentação coletiva da cultura urbana, combinando a dimensão estética e documental dessas produções com a dimensão ética e política da prática fotográfica, cinematográfica e visual como um todo. Neste sentido, uma das especificidades desta “subversão” tem sido, justamente, a capacidade de captar a diversidade, a beleza e a pluralidade da vida que pulsa nos territórios da pobreza onde esses jovens vivem suas experiências, equilibrando-se entre “a emoção de existir e o imperativo de resistir”, como definiu o fotógrafo brasileiro João Roberto Ripper ao apresentar o fotolivro de Ração Diniz. Este último nos diz:

³⁷ Embora tenha documentado as desigualdades com um poder de convencimento sem paralelo no mundo das imagens, a fotografia de caráter humanista da segunda metade do século XX foi criticada por promover uma “uniformização visual da miséria”. (Bihl, 2000: 784) A polêmica que alimentou esse debate era, e de certa forma ainda é, indigna do empenho de tantos fotógrafos na defesa da dignidade humana e do meio ambiente.

³⁸ Para construir sua argumentação, com muitas observações polêmicas e generalizantes (“a maioria dos filósofos políticos, historiadores e sociólogos não reconhecem as fotografias como documentos”), Azoulay imagina que todas as análises da história da fotografia centradas na primeira metade do século XIX enfatizariam tão somente o “domínio da tecnologia” por adotarem uma temporalidade e uma espacialidade comprometidas com a lógica imperialista (Azoulay, 2008; 2010). Uma compreensão mais abrangente das origens da fotografia e do nascimento da ideia, ao mesmo tempo lógica e política, de uma “arte ao alcance de todos” em plena expansão europeia, bem como de sua introdução nos Estados Unidos e na América do Sul em meados do século XIX, pode ser vista em Brunet, 2000 e Turazzi, 2019.

Desde o início, fotografar a favela para mim é pensar na plasticidade, na luz que compõe esses ambientes. Eu vejo muita beleza na favela, e uma das maiores belezas são as relações humanas. (Diniz, 2014, p.13)³⁹

6. Conclusões

Investigar as permanências e rupturas, as continuidades e descontinuidades, as simbologias e os estereótipos em torno dos pobres e da pobreza, bem como os desdobramentos éticos dessa experiência e desse conhecimento, não deixa de ser também um antídoto contra a naturalização de sua existência e a violência simbólica que isto representa. Afinal, as imagens capturam, criam, sedimentam e difundem fisionomias, gestos, atitudes e valores que, por sua vez, integram os mecanismos de estranhamento e naturalização da desigualdade em suas múltiplas dimensões.

A visualidade dos conceitos encontra-se, assim, na confluência de novos objetos, problemas e abordagens de pesquisa para os pesquisadores. Ela constitui um campo de investigação bastante complexo, como este artigo procurou demonstrar. Neste sentido, embora a história da pobreza e dos pobres constitua há tempos um objeto de estudo contemplado por inúmeras fontes visuais, as pesquisas sobre o tema apenas começam a ser renovadas com uma nova epistemologia da visualidade, isto é, com estudos sobre a produção de conhecimento e a significação cultural das imagens para além dos domínios tradicionais da história da arte, da fotografia, do cinema etc. (Brea, 2005, p.7).

Este artigo procurou levantar questões sobre o lugar das imagens visuais nas engrenagens que constituem, multiplicam e desconstroem (ou não) a existência de desigualdades sociais, notadamente através das representações da pobreza e dos pobres, apontando caminhos para a problematização dessas engrenagens através das especificidades epistemológicas do mundo visual e sua fortuna crítica. Os retratos fotográficos de homens, mulheres e crianças vivendo na extrema miséria,

³⁹ O fotógrafo Rato Diniz, formado pela Escola de Fotógrafos Populares do Observatório das Favelas e integrante da agência Imagens do Povo, editou seu livro *Em Foto* no âmbito das comemorações pelos quatrocentos e cinquenta anos de fundação do Rio de Janeiro e contou na ocasião com apoio da Prefeitura da Cidade. As imagens do fotógrafo podem ser vistas em sua página na internet <https://rataodiniz.46graus.com/>

vítimas do flagelo da seca no Nordeste do Brasil, em fins do século XIX, indicam-nos o quanto essa visualidade é capaz de provocar reações, engajamentos e estereótipos.

A oportunidade oferecida por este dossiê para uma reflexão sobre a natureza complexa e multifacetada da desigualdade como violência social, política e cultural na América Latina levou-nos a sistematizar as questões aqui discutidas na expectativa de problematizar as possibilidades e os limites colocados pela cultura visual do nosso tempo para a ressignificação de tais imagens em sua dimensão ética e histórica.⁴⁰

Bibliografia

- Alloa, Emmanuel (org.). *Pensar a imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- Andrade, Joaquim Marçal Ferreira; Logatto, Rosângela. “Imagens da Seca de 1877-78 – Uma contribuição para o conhecimento do fotojornalismo na imprensa brasileira”.
- Disponível em http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_1994_00114.pdf
- Azoulay, Ariella. *The civil contract of photography*. New York: Zone Books, 2008.
- _____. “What is a photograph? What is photography?” *Philosophy of Photography*, v.1, n.1, pp. 9-13, March 2010. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1386/pop.1.1.9/7>
- Barros, José D’Assunção. “Igualdade e diferença: uma discussão conceitual mediada pelo contraponto das desigualdades”. *Revista Brasileira de Educação*, v. 23, 2018. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782018230093>
- Bauman, Zygmunt. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- Berger, John. *Ways of seeing*. London: Penguin Books, 1972.
- Belting, Hans. *Pour une anthropologie des images*. Paris: Gallimard, 2009.
- Bihl, Laurent. “Pauvreté, la représenter”. In: GERVERAU, Laurent (dir.). *Dictionnaire mondial des images*. Paris: Nouveau Monde, 2006, pp. 783-785.
- Brea, José Luis (ed.). *Estudios visuales; la epistemología de la visualidad em la era de la globalización*. Madrid: Akal, 2005.

⁴⁰ Em 2010, cerca um terço da população da América Latina vive na pobreza, o que correspondia a aproximadamente cento e oitenta milhões de pessoas (Cepal, 2010), situação que já se agravou com as consequências da pandemia Covid-19.

Bresciani, Maria Stella. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Brunet, François. *La naissance de l'idée de photographie*. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.

Buret, Eugène. *De la misère des classes laborieuses en Angleterre et en France*. Paris : Paulin, 1840. Disponível em <https://gallica.bnf.fr/>

Castro, Josué de. *Geografia da fome*. Apresentação de Milton Santos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

Comisión Económica para América Latina (CEPAL). *Panorama social de América Latina 2010*. Santiago de Chile: Libros de la Cepal, 2010.

Georges, Rafael et al. *Inequalities in Brazil; the divide that unites us*. São Paulo: Oxfam Brazil, 2017.

Ginzburg, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Fontcuberta, Joan. “Por un manifesto posfotográfico”. *Studium 36*, julho de 2014, pp. 118-130. Publicado originalmente no jornal *La Vanguardia*, 11 de maio de 2011, Barcelona, Espanha. Disponível em https://www.studium.iar.unicamp.br/36/Studium_36.pdf

Gernsheim, Helmut; Gernsheim, Alison. *The history of photography*. London: Oxford University Press, 1955.

Henriques, Ricardo (org.). *Desigualdade e pobreza no Brasil*. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2000.

Himmelfarb, Gertrude. *The idea of poverty; England in the early Industrial Age*. New York: Alfred A. Knopf, 1984.

Koselleck, Reinhart. *Futuro passado; contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006.

Leclercq, Jacques. “Pour l’histoire du vocabulaire latin de la pauvreté”. *Parole de l'Orient*, v. 3, n. 1-2 (1967), pp. 293-308.

Machado, Humberto Fernandes. *Palavras e brados; José do Patrocínio e a imprensa abolicionista do Rio de Janeiro*. Niterói: Editora da UFF, 2014.

Manguel, Alberto. *Lendo imagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Mauad, Ana Maria. “Fotografia pública e cultura do visual, em perspectiva histórica”. *Revista Brasileira de História da Mídia*, v. 2, n. 2 (2013), em linha. Disponível em <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/4056/2379>.

Mayhew, Henry. *London labour and the London poor [...] with numerous illustrations from photographs*. London: Griffin, Bohn, and Company, 1861-1862. Disponível em <https://www.gutenberg.org/>

McCauley, Anne. “Arago, l’invention de la photographie et la politique”. *Études Photographiques*, Paris, n. 2, mai 1997, pp. 6-43. Version originale: “François Arago and the politics of the French invention of photography”, in: Younger, Daniel (ed.). *Multiple views; Logan grant essays on photography*, 1983-1989. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1991.

McClure, Julia. “The globalization of Franciscan poverty”. *Journal of World History*, v. 30, n. 3, September 2019, pp. 335-362. Published by University of Hawai'i Press. Available in <https://doi.org/10.1353/jwh.2019.0062>

Meneses, Ulpiano. “Fontes visuais, cultura visual, história visual”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2004.

Mitchell, W. J. T. *Iconology; image, text and ideology*. University of Chicago Press, 1987.

____ (ed). *Landscape and power*. 2 ed. Chicago: The University of Chicago Press, 2012.

____. “Mostrando el ver: una crítica de la cultura visual”. *Estudios Visuales*, Centro de Documentación y Estudios Avanzados de Arte Contemporáneo, Murcia, Espanha, pp.17-40, nov. 2003. Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=504450754009>

Mollat, Michel (dir.). *Etudes sur l'histoire de la pauvreté, Moyen Age – XVIe. siècle*. Paris : Publications de la Sorbonne, 1974, 2v.

____. *Les pauvres en Moyen Age*. Paris: Hachette, 1978. A tradução brasileira *Os pobres na Idade Média* foi publicada pela editora Campus, em 1989.

Neves, Frederico de Castro. A miséria na literatura: José do Patrocínio e a seca no Ceará. *Tempo*, Niterói , v. 11, n. 22, pp. 80-97, 2007. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000100005>

Parr, Martin; Badger, Gerry. *The photobook: a history*. London: Phaidon Press, 2004, v. 1.

Patrocínio, José do. “Viagem ao Norte”, *Gazeta de Notícias*, 20 de julho de 1878, n. 198, p.1.

Paugam, S.; Shultheis, F. “Naissance d’une sociologie de la pauvreté”. In: Simmel, Georges. *Les pauvres*. Paris: Presses Universitaires de France, 1998, pp.1-34.

Piketty, Thomas. *A economia da desigualdade*. São Paulo: Intrínseca, 2015.

Reis, Elisa P. Percepções da elite sobre pobreza e desigualdade. In: Henriques, Ricardo (org.). *Desigualdade e pobreza no Brasil*. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2000, p. 487-500.

Riis, Jacob. *How the Other Half Lives: Studies among the Tenements of New York*. New York: Charles Scribner Sons, 1890. Disponível em <https://www.gutenberg.org/ebooks/45502>

Rousseau, Jean-Jacques. “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens”. In: *Rousseau*. Tradução de Lourdes Santos Machado; revisão de Lourival Gomes Machado; introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide. São Paulo: Nova Cultural, 2000, v. 2.

Sassier, Philippe. *Du bon usage des pauvres*. Paris : Fayard,1990

Sen, Amartea. “Equality of What?” In: McMurrin, Sterling Moss (ed.). *The Tanner Lectures on Human Values*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980, reprinted in 1987, pp. 197-220.

_____. *Inequality reexamined*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1995.

Simmel, Georges. *Les pauvres*. Paris: Presses Universitaires de France, [1907] 1998.

Souza, Pedro Ferreira de. *Uma história da desigualdade: a concentração de renda entre os ricos no Brasil (1926-2013)*. São Paulo: Editora Hucitec, 2018.

The Bridgeman Art Library. London: Bridgeman Images, [1999]. Printed catalog.

Turazzi, Maria Inez. *O Oriental-Hydrographe e a fotografia. A primeira expedição ao redor do mundo com uma “arte ao alcance de todos” (1839-1840)*. Montevideo: Centro de Fotografia de Montevideo, 2019. Versão digital disponível em <https://issuu.com/cmdf/docs>

United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO); International Social Science Council (ISSC); Institute of Development Studies (IDS).

World social science report 2016. Challenging inequalities: pathways to a just world.
Paris: Unesco Publishing, 2016.

Endereços virtuais

<https://archive.org/>

<http://www.dominiopublico.gov.br>

<https://www.britishmuseum.org/>

<http://www.emblems.arts.gla.ac.uk/>

<https://www.etymonline.com>

<https://fr.wikipedia.org/>

<http://rousseaustudies.free.fr/>

<https://www.pop.culture.gouv.fr/>